



# Associação de Professores de Matemática Crítica "Sobrevalorização" dos Exames Nacionais

Por ISABEL LEIRIA  
Sexta-feira, 27 de Junho de 2003

O problema não está na prova que mais de 34 mil alunos do 12º ano fizeram ontem. O teste de Matemática era "compatível com o programa", estava "dimensionado para o tempo destinado à sua resolução" e tinha um "grau de dificuldade aceitável".

O que está mal, afirma Fernando Nunes, presidente da Associação de Professores de Matemática (APM), é "haver muita gente convencida de que os exames nacionais são a única forma de avaliar o conhecimento e de que se resolvem os problemas do sistema educativo à custa da criação destas provas".

Ao contrário dos anos anteriores, a APM não se limitou desta vez a fazer um comentário às características do teste realizado nesta 1ª chamada e fez questão de ressaltar as muitas limitações que qualquer exame nacional apresenta. "Em primeiro lugar, não pode ser considerado como o único momento de avaliação. Aliás, como é que em duas horas se pretende avaliar o trabalho desenvolvido ao longo de todo o ensino secundário?", começa por interrogar o comunicado da associação.

Depois, sublinha a associação, existem aspectos, "reconhecidos nos actuais programas e valorizados pela educação matemática", que são impossíveis de avaliar desta forma. É o caso da oralidade, bem como de todos os outros objectivos "relacionados com valores e atitudes, como a persistência, a cooperação com outros, etc..."

E a lista continua: "formular generalizações a partir de experiências, descobrir relações entre conceitos da Matemática, validar conjecturas, compreender a relação entre o avanço científico e o progresso da Humanidade" são exemplos de outras competências que ficam de fora da avaliação através dos testes escritos de duração limitada.

Com tudo isto, explica Fernando Nunes, não é a existência de exames nacionais, ou da avaliação, que a direcção da APM quer questionar. "O problema é a forma como os exames são apresentados societalmente, todo o poder que têm. Há uma sobrevalorização completa, como se a nota obtida nestas provas fosse o retrato mais fiel" do conhecimento dos alunos.

"Quando se tentou classificar as escolas, foi a partir da nota nos exames que se fez o 'ranking' e que se disse: esta é a fotografia desta escola", critica ainda o presidente da APM.

Disciplina sofre de "um problema de imagem"

Num país onde a Matemática sofre de "um problema de imagem", Fernando Nunes acredita que toda o "enredo" construído em torno dos exames torna também mais difícil o trabalho dos professores. " Nós, professores de Matemática, estamos interessados em que as pessoas gostem e tirem prazer da disciplina. E isso só é possível de fazer de forma diferente daquela a que o exame nos obriga: memorizar factos, resolver exercícios. É claro que são coisas que têm de existir. Mas um aluno começaria a gostar mais de Matemática se lhe dissessem para iniciar um projecto, em vez de decorar um certo número de técnicas em que não vê interesse nenhum", sugere.

Posto isto, a APM entende que, "não podendo ser o que não é", o exame de Matemática de ontem foi até "mais acessível" do que no ano anterior.

De acordo com os dados divulgados ao final do dia pela Júri Nacional de Exames, fizeram a prova 34.601 dos 59.431 alunos inscritos. A taxa de presenças ficou-se pelos 58 por cento, mesmo assim acima dos 48 por cento do ano passado. Todos os que faltaram têm ainda a 2ª chamada de Julho ou a 2ª fase de Setembro para fazer o exame.

legenda: "Como é que em duas horas se pretende avaliar o trabalho desenvolvido ao longo de todo o ensino secundário?", pergunta quem dá aulas



## Notas a Matemática nos Últimos Anos

Sexta-feira, 27 de Junho de 2003

### Exames 12º

	1ª fase		2ª fase
	1ª chamada	2ª chamada	
2002	8,7	4,8	4,1
2001	7,1	5,2	4,3
2000	8,5	6,1	5,4

### Diferença entre classificação interna da disciplina e nota do exame

2002	2001
6,1	5,4

### Provas de aferição

Em 2000, a média obtida pelos alunos do 4º ano nas provas que pretendem testar a aprendizagem das competências essenciais previstas no currículo cifrou-se em 52,8 por cento. Em 2001, nunca mais de 40 por cento dos alunos do 6º ano conseguiram responder de forma totalmente correcta aos problemas relacionados com a geometria, o cálculo ou a estatística